

Texto 1 O que é uma Pessoa? <http://aiesct.blogspot.pt/2013/09/o-que-e-uma-pessoa.html>

É possível dar à expressão "ser humano" um significado preciso. Podemos usá-la como equivalente a "membro da espécie Homo sapiens". A questão de saber se um ser pertence a determinada espécie pode ser cientificamente determinada por meio de um estudo da natureza dos cromossomas das células dos organismos vivos. Neste sentido, não há dúvida que, desde os primeiros momentos da sua existência, um embrião concebido a partir de esperma e óvulo humanos é um ser humano; e o mesmo é verdade do ser humano com a mais profunda e irreparável deficiência mental — até mesmo de um bebé anencefálico (literalmente sem cérebro).

Há outra definição do termo "humano", proposta por Joseph Fletcher, teólogo protestante e autor prolífico de escritos sobre temas éticos. Fletcher compilou uma lista daquilo a que chamou "indicadores de humanidade", que inclui o seguinte:

- Autoconsciência
- Autodomínio
- Sentido do futuro
- Sentido do passado
- Capacidade de se relacionar com outros
- Preocupação pelos outros
- Comunicação
- Curiosidade

É este o sentido do termo que temos em mente quando elogiamos alguém dizendo que "é muito humano" ou que tem "qualidades verdadeiramente humanas". Quando dizemos tal coisa não estamos, é claro, a referir-nos ao facto de a pessoa pertencer à espécie Homo sapiens que, como facto biológico, raramente é posto em dúvida; estamos a querer dizer que os seres humanos possuem tipicamente certas qualidades e que a pessoa em causa as possui em elevado grau.

Estes dois sentidos de "ser humano" sobrepõem-se mas não coincidem. O embrião, o feto subsequente, a criança gravemente deficiente mental e até mesmo o recém-nascido, todos são indiscutivelmente membros da espécie Homo sapiens, mas nenhum deles é autoconsciente nem tem um sentido do futuro ou a capacidade de se relacionar com os outros. Logo, a escolha entre os dois sentidos pode ter implicações importantes para a forma como respondemos a perguntas como "Será que o feto é um ser humano?"

/.../Para o primeiro sentido, o biológico, usarei simplesmente a expressão extensa mas precisa "membro da espécie Homo sapiens", enquanto para o segundo sentido usarei o termo "pessoa".

Este uso da palavra "pessoa" é, ele mesmo, infeliz, susceptível de criar confusões, dado que a palavra "pessoa" é muitas vezes usada como sinónimo de "ser humano". No entanto, os termos não são equivalentes; poderia haver uma pessoa que não fosse membro da nossa espécie. Também poderia haver membros da nossa espécie que não fossem pessoas.

A palavra "pessoa" tem a sua origem no termo latino para uma máscara usada por um actor no teatro clássico. Ao porem máscaras, os atores pretendiam mostrar que desempenhavam uma personagem. Mais tarde "pessoa" passou a designar aquele que desempenha um papel na vida, que é um agente. De acordo com o Oxford Dictionary, um dos sentidos atuais do termo é "ser autoconsciente ou racional". Este sentido tem precedentes filosóficos irrepreensíveis. John

Locke define uma pessoa como "um ser inteligente e pensante dotado de razão e reflexão e que pode considerar-se a si mesmo como aquilo que é, a mesma coisa pensante, em diferentes momentos e lugares."

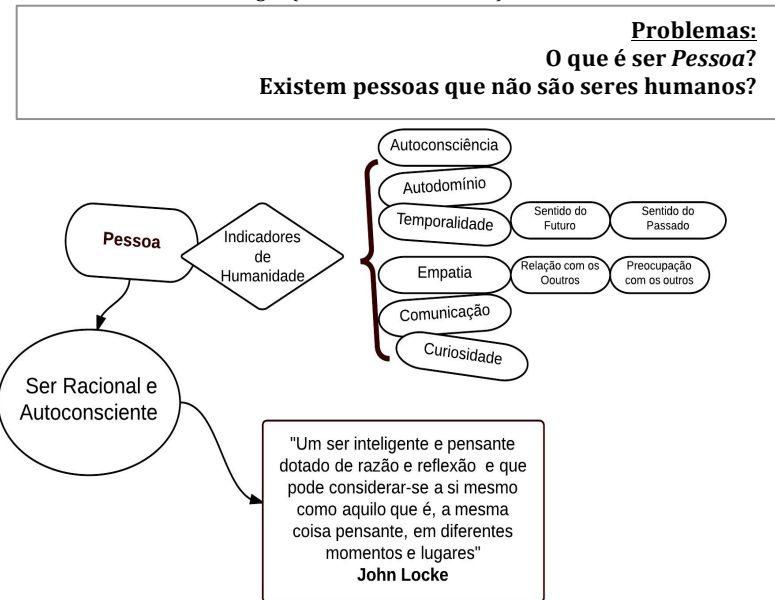
Esta definição aproxima a "pessoa" do sentido que Fletcher deu a "ser humano", com a diferença que escolhe duas características cruciais — a racionalidade e a autoconsciência — para cerne do conceito. É muito possível que Fletcher concordasse que estas duas características são centrais e que as restantes decorrem mais ou menos delas. Em todo o caso, proponho-me usar o termo "pessoa" no sentido de um ser racional e autoconsciente, para captar os elementos do sentido popular de "ser humano" que não são abrangidos pelo termo "membro da espécie Homo sapiens".

Peter Singer

Tradução de Álvaro Augusto Fernandes

Texto retirado de Ética Prática, de Peter Singer (Lisboa: Gradiva, 2000).

Figura 1



Texto 2 Índia declara golfinhos "pessoas não-humanas"

<http://aiesct.blogspot.pt/2013/09/os-golfinhos-sao-pessoas-nao-humanas.html>

O ministro do Ambiente da Índia declarou que os golfinhos devem ser vistos como "pessoas não-humanas" e proibiu que estes sejam mantidos em cativeiro ou usados em espectáculos de entretenimento.

O político justificou a decisão com o facto de as investigações científicas mostrarem que os golfinhos possuem um nível de inteligência superior à de outros animais.

"Muitos cientistas que pesquisaram o comportamento dos golfinhos acreditam que eles possuem um nível de inteligência invulgarmente alto", afirmou o ministro.

Para o responsável pela pasta do Ambiente na Índia, "comparativamente aos restantes animais, os golfinhos deviam ser vistos como 'pessoas não-humanas' e, como tal, ter os seus próprios direitos, por isso é moralmente inaceitável mantê-los em cativeiro com objectivos de entretenimento".

<http://www.ionline.pt/artigos/mundo-ciencia/india-declara-golfinhos-pessoas-nao-humanas>

Texto 3 Os golfinhos são “pessoas não humanas”

<http://aiesct.blogspot.pt/2013/09/os-golfinhos-sao-pessoas-nao-humanas.html>

Não só os primatas. Os golfinhos e as baleias também devem ser tratados como “pessoas não humanas”, com direito à vida e à liberdade, segundo propõem prestigiados cientistas reunidos na conferência anual da Associação Americana para o Avanço da Ciência, a maior do mundo, que se realiza em Vancouver, no Canadá.

Peritos em conservação e comportamento dos animais consideram que estes cetáceos são suficientemente inteligentes para que recebam as mesmas considerações éticas que os seres humanos, de acordo com o jornal espanhol ABC. Isto implica colocar um fim à sua casa, ao cativeiro e abusos.

Por este motivo, apoiam a criação de uma Declaração dos Direitos dos Cetáceos.

“A ciência tem demonstrado que a individualidade – a consciência de si próprio – não é uma característica única do ser humano. Isto levanta uma série de desafios”, disse, à BBC, Tom White, professor de ética na Universidade Loyola Marymount, em Los Angeles, nos Estados Unidos.

Os investigadores que estão de acordo com esta corrente de pensamento concluem que, embora não sejam seres humanos, os delfins e as baleias são “pessoas”, o que tem importantes implicações.

A declaração, primeiro aprovada em Maio de 2010, assinala que os cetáceos têm direito à vida, não podem ser obrigados a estar em cativeiro nem a ser objecto de maus tratos, nem a serem retirados do seu ambiente natural.

Da mesma forma, não podem ser propriedade de ninguém. A base de todos é que os golfinhos têm consciência de si mesmos, reconhecem a sua imagem ao espelho. Sabem quem são.

<http://www.jn.pt/blogs/osbichos/archive/2012/02/25/os-golfinhos-s-227-o-quot-pessoas-n-227-o-humanas-quot.aspx>

Fátima Mariano

Consultado no dia 01/09/2013

Texto 4 Será que um animal não humano pode ser uma pessoa?

<http://aiesct.blogspot.pt/2013/09/sera-que-um-animao-cao-humano-pode-ser.html>

Parece estranho chamar “pessoa” a um animal. Esta estranheza pode não passar de um sintoma do nosso hábito de manter a nossa espécie claramente separada das restantes. Em todo o caso, podemos evitar a estranheza linguística reformulando a questão de acordo com a nossa definição de “pessoa”. O que estamos de facto a indagar é se alguns animais não humanos são seres racionais e autoconscientes, conscientes de si mesmos como entidades distintas com passado e futuro.

Serão os animais autoconscientes? Há hoje provas sólidas de que alguns o são. Talvez a prova mais espetacular provenha dos símios antropóides que conseguem comunicar connosco por meio da linguagem humana. O antigo sonho de ensinar a nossa linguagem a outra espécie tornou-se realidade quando dois cientistas americanos, Allen e Beatrice Gardner, puseram a hipótese de o fracasso das tentativas anteriores para ensinar chimpanzés a falar se tiver devido ao facto de os chimpanzés não possuírem o equipamento vocal necessário para reproduzir os sons da linguagem humana, e não a inteligência necessária para usar a linguagem. Daí que o casal Gardner decidisse tratar um jovem chimpanzé como se fosse um bebé humano sem cordas vocais. Comunicaram com ele e entre si na sua presença usando a linguagem gestual americana, uma linguagem usada correntemente pelos surdos americanos.

O chimpanzé, ao qual deram o nome de Washoe, aprendeu a compreender cerca de 350 sinais diferentes e a usar corretamente cerca de 150. Alinhava sinais para formar frases simples. Quanto à autoconsciência, Washoe não hesitou quando lhe mostraram a sua imagem num espelho e lhe perguntaram “Quem é?”, respondendo “Eu, Washoe”. Mais tarde Washoe mudou-se para Ellensburg, no estado de Washington, onde viveu com outros chimpanzés sob os cuidados de Roger e Deborah Fouts. Aí adoptou um chimpanzé bebé e em breve começou não só a fazer-lhe sinais, como a ensinar-lhe deliberadamente esses sinais, moldando as mãos para formar o sinal de “comida” no contexto correto.

Há quase vinte anos, Francine Patterson começou a usar sinais e também a falar inglês com Koko, uma gorila da planície. Koko possui agora um vocabulário prático de mais de 500 sinais e usou cerca de 1000 sinais numa ou mais ocasiões. Compreende um número ainda maior de palavras faladas em inglês. O seu companheiro, Michael, que entrou em contacto com a linguagem gestual numa idade mais tardia, usou cerca de 400 sinais. Em frente de um espelho, Koko faz caretas ou examina os seus dentes. Quando lhe perguntaram “Quem é uma gorila esperta?”, Koko respondeu: “Eu” Quando alguém disse de Koko, na sua presença, “Ela é pateta!”, Koko (talvez não compreendendo o termo) disse por sinais: “Não, gorila.”

Os símios antropóides também usam sinais para se referirem a acontecimentos do passado ou do futuro, mostrando assim um sentido do tempo. Koko, por exemplo, quando lhe perguntaram, seis dias após o acontecimento, o que tinha acontecido no seu aniversário, assinalou: “dormir, comer.” Mais impressionante ainda é a prova de noção do tempo demonstrada pelas festas regulares realizadas pelo casal Fouts para os seus chimpanzés em Ellensburg. Todos os anos, após o dia da acção de graças, Roger e Deborah Fouts montavam uma árvore de Natal, enfeitada com ornamentos comestíveis. Os chimpanzés usavam a combinação de sinais “árvore doce” para se referirem à árvore de Natal. Em 1989, quando a neve começou a cair logo a seguir ao dia da acção de graças, mas a árvore ainda não fora montada, uma chimpanzé perguntou: “árvore doce?” Os Fouts interpretaram este episódio como prova de que Tatu não apenas se lembrava da árvore, como também sabia que chegara a época do ano em que devia ser montada. Mais tarde, Tatu recordava-se também de que o aniversário de um dos chimpanzés, Dhar, tinha lugar pouco depois do de Deborah Fouts. Os chimpanzés recebiam gelados no seu dia de anos e, quando terminou a festa de aniversário de Deborah, Tatu perguntou: “Dhar, gelado?”

Suponhamos que, com base nestes elementos, aceitamos que os símios que usam sinais são autoconscientes. Serão excepcionais, a este respeito, entre todos os animais não humanos precisamente porque usam uma linguagem? Ou será que a linguagem permite meramente que estes animais nos demonstrem uma característica que tanto eles como os outros animais possuem?

<http://liberdadeazulsp.blogspot.pt/2013/07/sera-que-um-animao-cao-humano-pode-ser.html>

por Raffaell Garone

Para saber mais:

[Documentário: "Projeto Nim".](#)